

ALGUMAS RAÍZES JUDAICAS DO CULTO CRISTÃO

Nivaldo F. Silva
Antônio Sagrado Bogaz*

Resumo:

Um grupo de estudantes do ITESP coordenados por professores de Liturgia, elaborou uma síntese das relações entre a Liturgia cristã e as cerimônias religiosas judaicas dando especial relevo aos aspectos comuns. Assim alguns temas são comparadas tais como o estilo do sacerdócio, a presença e o significado dos animais sagrados, a importância do Sábado e do Domingo, bem como as festas mais significativas como a Páscoa, o Pentecostes. Algumas festas secundárias também mereceram atenção. Foram apresentados, em linhas gerais, os vínculos destas cerimônias com a cultura e a história e as suas respectivas teologias.

Palavras-chave:

Liturgia; Liturgia cristã; raízes; Cultos judaicos; Páscoa; Pentecostes.

Abstract:

A group of ITESP students coordinated by his Liturgy teachers have done a synthesis of the relationship between Christian Liturgy and Jewish religious ceremonies having a special attention onto the common contents. So some issues were compared like religious priesthood styles, presence and meaning of some sacred animals, meaningfulness of Shabat and Sunday, even reaching some of the most important festivals like Passover or Easter and Pentecost. Less meaningful festivals like Festival of Lights and Christ the King had some attention as well. Alongside with this ceremonies were presented also some historical, cultural and theological insights.

* A pesquisa e a redação coordenadas por Nivaldo F. Silva e Antônio S. Bogaz. Colaboraram: Acimar Magalhães, Alex Junior dos Remédios Tavares, Elizio Anunciação Pereira, Geffisson José Costa da Silva, Gilvaldo Miranda, Odenilson Godinho Guimarães, Orlando Abreu, Wilson Monteiro.

Key-words:

Liturgy; Christian Liturgy: roots; Jewish religious ceremonies; Passover; Pentecost.

APRESENTAÇÃO

Nós conhecemos o culto cristão. Conhecemos seus ritos, seus símbolos e seus significados. Sabemos, no entanto, que este culto é original, pois se trata de uma verdade original na história da humanidade. Uma novidade aportada no coração da história pelo próprio Filho de Deus, que se encarnou. Desta feita, trata-se de uma verdade revelada a partir de uma experiência pessoal do próprio Jesus Cristo, que nos revelou as verdades doutrinárias e as inspirações do Pai. Ele veio ao mundo em nome do Pai. Tanto que declarou a um de seus discípulos: *Filipe, quem me vê, vê o Pai* (Jo 14, 9). Esta é a dimensão divina do cristianismo. Mas, voltemo-nos para a dimensão humana deste grande evento da história da humanidade. A encarnação do *Logos* divino numa realidade social, cultural e religiosa específica, num dado momento da trajetória da humanidade. Onde podemos facilmente compreender que todos os ritos são oriundos dos povos antigos que se converteram ao Mestre de Nazaré, *Filho de Deus vivo*. Compreendemos que muitos traços do cristianismo nos seriam mais compreensíveis se pesquisássemos os ritos, símbolos, religiosidade e mística do povo de Jesus, homem judeu. Eis nossa pesquisa: a busca das raízes do culto cristão, na sua pré-história, nos seus substratos religiosos mais significativos.

INTRODUÇÃO

Quando participamos dos rituais cristãos, encontramos muitos conceitos, símbolos e ações litúrgicas que têm um significado especial para nossa comunidade celebrante. Mas nem sempre sabemos, até que ponto estes elementos rituais são originais e qual o origem deles.

Um dos elementos fundamentais das diversas culturas, que abrilhantam as alfaias sagradas das religiões, são suas dimensões simbólicas. São tão importantes que Mauss¹ considera a cultura como um conjunto de sistemas simbólicos, presentes nas representações e nos ritos.

Certamente, alguns destes elementos pertencem aos arquétipos rituais de todos os povos, pois são elementos naturais, com um valor significativo determinado. Muitos são os rituais

¹ Cf. M. MAUSS, *Les Représentations*. In MAUSS, M. (Ed.), *Sociologie et Anthropologie*. Paris, PUF, 1968, vol. 3, pp. 53-83.

religiosos que tocam a água, o sangue, o óleo, a terra, o fogo e assim por diante. Também os animais têm significação particular nas religiões.

² Cf. M. SAHLINS, *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990, p. 14.

Quando falamos de cultura e religião, apreendemos que todos os eventos são mais que meros acontecimentos característicos do fenômeno, até porque, como diz M. Sahlins² eles têm forças e razão próprias independentes de qualquer sistema simbólico. O sistema simbólico está na base dos acontecimentos, mas estes o ultrapassam. Cada acontecimento está enraizado na sua razão histórica, que o motiva. São os agentes históricos que motivam as ações, dentro de um contexto histórico específico.

Nos rituais cristãos, encontramos estes elementos, que nos deixam profundamente fascinados, por sua significação. Consideramos, por exemplo, a linguagem do batismo, com seus ritos, como água, luz, óleo e exorcismos. Estes elementos são comuns a muitas práticas religiosas. Quando pensamos no pão e no vinho, presentes na Ceia Eucarística temos ciência de que também são elementos de ritos de outros grupos religiosos. Podemos ainda elencar outros rituais, igualmente importantes.

Voltamo-nos agora para os rituais mais específicos do Cristianismo, com seus símbolos e suas particularidades, e notamos a sua procedência na comunidade do povo hebreu. Citamos o cordeiro, óleo, o pão, as bênçãos e os frutos das colheitas. Estes símbolos são culturais e estão inseridos em festas litúrgicas muito complexas que são o ápice de acontecimentos históricos ou de hábitos da vida do povo. Estas histórias foram reeditadas dentro do cristianismo, traçando novas doutrinas, as quais retomam e redimensionam os ensinamentos da religião judaica.

A compreensão disto, passa pela compreensão da cultura. Malinowski define a cultura *como um amálgama global de instituições em parte autônomas e em parte coordenadas. Ela se integra numa série de princípios tais como a comunhão de sangue por meio da procriação; a contigüidade em espaço relacionada com a cooperação; a especialização em atividades; e último na ordem mas não menor em importância, o uso do poder na organização política. Cada cultura deve sua integridade e sua auto-suficiência ao fato de que satisfaz toda a gama de necessidades básicas, instrumentais e integrativas.*³ Nos símbolos religiosos e nos sistemas culturais a inter-transponibilidade se faz clara, pois os símbolos mais concretos expressam o clima do mundo e o modelam, induzem o crente a certas disposições e a motivações, como as tendências para executar certos atos e experimentar sentimentos.

³ Cf. B. MALINOWSKI, *Uma teoria científica da cultura*. Lisboa, Edições 70, 1997.

Neste trabalho, tomaremos os elementos comuns destas duas tradições, para perceber a interação e a distinção entre

eles. São muitos os elementos comuns, mas falaremos só de alguns deles, como forma de ilustração desta interação entre o judaísmo e o cristianismo, no tocante aos seus cultos. Esta aproximação nos servirá ainda para acentuar a distinção entre estas duas práticas religiosas. Mesmo se o Concílio Vaticano II, no número 12 da *Lumen Gentium*, denomina a tradição judaica de *Igreja mãe*, entretanto perceberemos as suas semelhanças tão evidentes e suas distinções profundas.

Alguns temas serão abordados, particularmente, sejam os ministérios, os animais sagrados, os dias sacralizados, as festas pascais, as festas da luz e as festas solenes da exaltação de Deus.

A metodologia desta pesquisa lida com três partes básicas. Inicialmente a busca de dados dos elementos simbólicos e rituais dentro da tradição judaica, segue-se o aprofundamento do ritual congênere dentro do cristianismo, para possibilitar, como terceiro tópico, a aproximação das duas tradições. Temos em mente, também, a teoria clássica dos Santos Padres que defende que as verdades estão reveladas na tradição judaica como que em sombras e na tradição cristã se revelam em luzes. E a vida dos rituais se concretiza na vida da Igreja.

1. OS MINISTÉRIOS SAGRADOS

O Senhor o jurou e não se arrepende:

Tu és sacerdote eterno segundo o rito de Melquisedec (Sl 110,4)

Em todas as práticas religiosas encontramos ministros sagrados, que são pessoas escolhidas, a partir de certos padrões, para protagonizar as ações dos cultos do templo, representando a divindade diante de todo povo. Notamos estas funções nos povos indígenas, nos povos africanos, nos povos asiáticos, assim, por dizer, que os povos mais distantes têm em comum as funções ministeriais.

Notamos, por exemplo, que o sacerdócio está presente nos povos mesopotâmicos, que era hereditário e subdividido em classes.⁴ Por sua vez, no Egito, os sacerdotes presidiam o culto e exerciam também o cargo de juízes e magistrados. Em alguns momentos, o poder sacerdotal era tão elevado, que podia desafiar o Faraó.⁵

Nesta concepção fundamental do sacerdócio nas religiões, compreendemos o sacerdócio dentro do judaísmo, sua instituição e suas funções primordiais. A partir desta compreensão, analisamos o sacerdócio cristão, como fora concebido pelos escritores do Novo Testamento, a partir das pregações de Jesus

⁴ O sacerdócio aparece em todos os períodos e regiões da Mesopotâmia, com certas características comuns. Normalmente o sacerdócio era hereditário e subdividia-se em número muito grande de classes com funções especializadas, muitas das quais são obscuras; eram chefiadas por um grão-sacerdote e incluía adivinhos e magos e mulheres. Naquela região, a influência do sacerdote era poderosa por causa dos grandes latifúndios em terra e escravos que pertenciam aos templos; não há traço de influência política como eles adquiriam no Egito. Cf. J. L. MACKENZIE, Sacerdócio. In MACKENZIE, J. L. (Ed.), *Dicionário Bíblico*. São Paulo, Paulinas, 1986, p. 816.

⁵ No Egito, a partir de um documento de Ramsés III, os estudiosos demonstram que o número de sacerdotes chegava a 450.000 pessoas, cerca de uma décima parte da população e grande parte dos terrenos férteis pertencia aos templos, quase a oitava parte das terras produtivas. Cf. J. L. MACKENZIE, Sacerdócio, op. cit., p. 817.

Cristo e, na seqüência, a evolução deste ministério ao longo dos séculos de nossa tradição. Tendo levantadas as informações destes dois universos religiosos, poderemos entender a unidade entre eles e, sobretudo a sua distinção.

1.1. Sacerdócio judaico: holocausto pelo povo eleito

Por certo, são vários os ministérios dentro do judaísmo e todos eles se integram no culto a Javé. São muitos e distintos os ministérios vividos pelos fiéis comuns, dentro das famílias e nas festas mais simples da vida cotidiana. São importantes os títulos ministeriais dentro da sinagoga, onde o clássico ministério do *rabi* perpassou os séculos e se firmou até os nossos dias. Mais singularmente especiais são os títulos dos ministérios dentro dos templos. Estes ministérios são expressivos na realização de funções particulares dentro dos cerimoniais. Nenhuma função litúrgica é tão elevada e magnífica quanto o ministério sacerdotal, que tem um papel impressionante na vida social, política e, obviamente, religiosa no templo e na cidade.

Refletimos agora, sobretudo, sobre o sacerdócio do Templo, em sua plenitude estatutária. Sabemos que as origens deste sacerdócio institucional são obscuras. A essência da tarefa sacerdotal, não institucional, encontra sua prática na ação de Abel (e mesmo de Caim, de modo mais limitado) ao ofertar a Javé o cordeiro, realizando um holocausto sobre um altar (Gn 4,3-4). No entanto, o sacerdócio institucional é explicitado no Pentateuco. Este sacerdócio é oriundo do clã de Aarão, da tribo dos caatitas. Esta tribo fora escolhida por não ter sacrificado oferendas infieis ao bezerro de ouro, no episódio narrado no Êxodo.⁶ O Sumo sacerdote era o personagem mais importante na comunidade judaica na Palestina, particularmente no período pós-exílico. Além de comandar toda atividade templária, era o chefe supremo do sínédrio e o líder máximo de toda comunidade. Pode ser notada esta força do poder sacerdotal no louvor de Onias (Eclo 50).

São variadas as suas funções e muito importantes. No período pós-exílico, havia um grande número de clãs e famílias sacerdotais.⁷

O sacerdócio no judaísmo tem três funções que podem ser encontradas em textos mais antigos: o sacerdote profere oráculos (Dt 33,7-11; Jz 18,5 1Sm 14,41; 28,6); instrui na Lei (Dt 33,10) e oferece sacrifícios (Dt 33,10). Pode ser que originalmente o sacerdote apenas proferia oráculos e o chefe de família fazia os sacrifícios de animais. *A instrução da Lei é um desenvolvimento da função oracular; o oráculo é uma comunicação da vontade revelada de Javé como uma orientação de como agir,*

⁶ Cf. AA.VV. *Enciclopédia Ilustrada da Bíblia*. São Paulo, Paulinas, 1987, p. 164.

⁷ Destacam-se na literatura bíblica as famílias e classes sacerdotais: 21 famílias ou classes aparecem na lista de Neemias (Ne 10,3-9; 12,1-7. 12-21). No primeiro Livro das Crônicas, (1Cr 24,1-19), o número aumentou para 24. Os sacerdotes faziam turnos de serviço no tempo; eram turnos semanais ou diários.

e a instrução na Lei é uma comunicação mais sistemática da mesma coisa.

Nem sempre os sacerdotes e levitas foram fiéis. Assim, os profetas chamavam sua atenção para seus deveres (1Cr 6,31-48; Lv 13; Dt 33,8-11, entre outros). No judaísmo no tempo dos reis e dos templos, somente o sacerdote podia oferecer sacrifícios, tanto nas cerimônias pascais, como nos ritos de purificação. O responsável dos sacerdotes era o *sumo sacerdote*, que tinha um grande privilégio: entrar no Santo dos Santos no dia da Expição. A tribo sacerdotal gozava de grande prestígio e poder na comunidade de Israel. No tempo de Jesus, a comunidade judaica girava muito ao redor do Templo e dos sacerdotes, que compunham a força da unidade e da resistência do povo.

1.2. Um sacerdote eterno e os celebrantes *in persona Christi*

Nos textos do Novo Testamento, os sacerdotes da Antiga Aliança não são mencionados com muita frequência. Observa-se que o título de *grão-sacerdote* no plural, não designa mais um único sumo sacerdote, mas os chefes das famílias sacerdotais. Jesus remete ao ofício dos sacerdotes a decisão entre o puro e o impuro (Mt 8,14; Lc 5,14; 17,14). Ele reivindica liberdade de ação no Sábado, mostrando que os privilégios sacerdotais devem ceder diante das necessidades (Mt 12,4; Mc 2,26; Lc 6,4) e tem críticas severas ao grupo sacerdotal, por serem muito exigentes com o povo e incoerentes. Mateus demonstra que o serviço sacerdotal no santuário não é uma violação do sábado (12,5-6).

As pregações de Jesus apresentam uma crítica implícita aos sacerdotes e aos levitas, como por exemplo na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,31-32). Além disso, os sacerdotes desempenham papel importante e negativo nas narrativas da paixão, uma vez que todos os quatro evangelhos deixam a impressão de que a aristocracia sacerdotal foi o grupo mais acirrado a incitar o povo a condenar Jesus e a exigir a condenação por parte de Pôncio Pilatos. Não se trata de uma crítica generalizada, pois nos Atos dos Apóstolos (6,7), encontramos muitos sacerdotes como membros da Igreja de Jerusalém.

Como Jesus critica as funções templárias, sobretudo os sacrifícios e o comércio do templo, ele não aplica o título de *sacerdote* nem a si mesmo nem aos seus discípulos. Apenas implicitamente se observa a função sacerdotal, quando fala em sacrifícios e em Ceia Pascal. A qualificação de sacerdote é aplicada pela primeira vez à comunidade cristã nas Cartas Apostólicas e no Livro do Apocalipse (1Pd 2,5; Ap 1,6; 5,10;

20,5), onde se aplica o conceito de *um reino de sacerdotes* (Ex 19,6) à Igreja.

Na Carta aos Hebreus, por sua vez, o título de sacerdote, único, absoluto e eterno é aplicado a Jesus Cristo. Pela lei judaica, Jesus que não era membro da tribo de Levi, não seria jamais sacerdote. Na verdade, a figura sacerdotal de Jesus é identificada com o sacerdócio perene de Melquisedec (Sl 110,4; Hb 5,6-10; 6,20).

Aqui encontramos a inovação fundamental da figura sacerdotal do Antigo Testamento: o culto provisório e limitado a um povo do sacerdócio antigo, foi aperfeiçoado no sacrifício de Jesus (Hb 9-10). Sua expiação é perfeita porque Ele é o sacerdote da eterna Aliança. Ele tem a dignidade sacerdotal, como mediador entre Deus e todos os povos.

Encontramos na figura de Jesus, a partir da Carta aos Hebreus, os valores do sacerdócio da tradição sacerdotal judaica: ele experimentou a fraqueza humana (4,14-15; 5,2) e sofreu (5,7-10). Ainda mais, Ele é semelhante a nós (2,17), com exceção do pecado (7,26-27; 2,18; 4,14). Desta feita, não existe mais sacerdotes, pois Ele é o único e eterno sacerdote. Não há mais vítimas, pois Ele é a vítima que se oferta (7,27; 9,12; 14,25; 10,5ss). Todos os homens que exercem esta função, não o fazem por si mesmos e nem o exercem conforme a Antiga Lei. Atuam em nome do Cristo, em sua pessoa e não celebram o sacrifício cruento, mas renovam a oferenda definitiva de Jesus na Cruz e na partilha do pão.

Neste ponto da reflexão, entendemos que todo o povo é santo e sacerdotal (1Pd 2,9). O batismo une todos os cristãos numa comunidade sem classes, ou seja, numa comunidade de irmãos, onde cada fiel é sacerdote, profeta e rei. Os sacerdotes são ministros que atualizam a oferenda de Jesus, em favor do povo fiel.

1.3. Sacerdócio e ministérios cristãos

São vários os tipos de ministérios litúrgicos. Por ministério litúrgico entende-se, pois, qualquer serviço de certa consistência e estabilidade para a ação litúrgica. Todavia distinguimos entre ministros ordenados, ministros instituídos e ministros de fato. Os ministros ordenados são os que recebem o sacramento da ordem; os bispos, os presbíteros e os diáconos. A eles competem ministérios específicos. Os ministros instituídos são aqueles que mediante a instituição são designados para *tarefas particulares na comunidade eclesial: os leitores e os acólitos*. Sua tarefa refere-se ao serviço da palavra e do altar. Os ministros de fato são os que desempenham determinadas

funções da assembléia ou comunidade sem instituição, nem ordenação. Tais são, por exemplo, os ministros extraordinários da Eucaristia, os cantores, os coroinhas, os comentaristas, os que recolhem as ofertas, o organista.

O cristianismo assumiu os ensinamentos e os modelos rituais do Antigo Testamento, mas os levou à sua plenitude, tornando o ministério sacerdotal um serviço para a santificação da comunidade. Este serviço se concretiza no culto, na espiritualidade e na formação religiosa dos fiéis.

Toda a comunidade celebra a liturgia. A comunidade toda é sacerdotal. Os reunidos tornam-se uma comunidade na qual Cristo vive. O sacerdote representa Cristo no meio da comunidade quando, no início, entra na assembléia e a preside.

O sacerdote não está acima da comunidade. Na Celebração Eucarística os fiéis constituem o povo santo, o sacerdócio régio, para dar graças a Deus e oferecer o sacrifício perfeito, não apenas pelas mãos do sacerdote, mas também pelas mãos de todos os cristãos, como este explicitado no número 48 do *Sacrossantum Concilium*.

Toda presidência da comunidade cristã católica em alguns sacramentos exige a presença do sacerdote ministerial. Com diz a *Introdução* ao Missal Romano, o sacerdote oferece o sacrifício em nome de Cristo; está à frente da assembléia reunida, preside a sua oração, anuncia-lhe a mensagem da salvação, associa a si o povo no oferecimento do sacrifício a Deus Pai pelo Cristo no Espírito Santo, dá aos seus irmãos o pão da vida eterna e participa com eles do mesmo alimento.⁸

⁸ Cf. *Missal Romano*. Instrução Geral sobre o Missal Romano. São Paulo, Paulus, 2004, n. 60.

2. ANIMAIS SAGRADOS

Louvem a Javé... feras e animais domésticos, répteis e pássaros que voam. (Sl 148,7.10)

Não se pode imaginar a realidade semítica separado do mundo animal. Na verdade, os animais representam toda uma trajetória de experiência por onde passou o povo hebreu no seu processo de formação. Uma história marcada pelo deslocamento de idas e vindas do povo pelo deserto.

A região da Palestina na formação do povo hebreu foi um lugar de seminômades que lidavam com a atividade pastoril para a sua sobrevivência. Por isso existe uma aproximação entre homem e animal nesta região que se torna primordial nessa realidade semidesértica. Assim, muitos animais ganham o aspecto sagrado pela sua utilização na vida diária e outros pelo aspecto religioso com que o animal é visto; como aquele

que serve para aproximar o homem de Deus nos sacrifícios que serão realizados.

Apresentamos, de forma sucinta, alguns desses animais que representam na história dos Judeus e para o Cristianismo um elo de ligação que une a herança do passado e se ressignifica no presente com outros elementos.

2.1. Os animais sagrados na tradição judaica

Alguns animais em especial ganham papel importante na tradição judaica por representarem a sintonia que há entre Deus e o seu povo, ou seja, por fazer ponte simbólica entre a humanidade e Deus. A origem desses animais sagrados remonta a períodos antigos, quando o povo vivia nos campos. Nas tradições antigas era comum fazer oferenda de frutas, e depois ganhou destaque a oferta de animais em agradecimento pela boa colheita ou por ter conseguido algum benefício de uma divindade. Na Bíblia encontramos essas duas formas de celebração e, dentre os animais, escolhia-se o cordeiro para ser sacrificado por ocasião da celebração das grandes festas, como veremos a seguir.

O *cordeiro* era exigido em algumas festas. Na comemoração da Páscoa (Ex 12,5), na oferta pelo pecado (Lv 23,12), em cultos cerimoniais de purificação do parto (Lv 12,6-8), no Dia da expiação (Lv 12,7). O cordeiro é portanto sacrificado para pagar um pecado ou para celebrar a passagem de um grande acontecimento. Para o povo judeu a grande celebração é a memória da saída da escravidão para uma terra livre onde corre leite e mel. Este é o marco fundante da fé para o povo judeu.⁹ Deve-se, também, dizer que o cordeiro para a festa da Páscoa (Pessach) deveria ser especial, sem defeito, macho e de um ano. Trata-se de um animal que por sua natureza é dócil e facilmente pode ser levado ao matadouro. Dadas essas características, pode-se dizer que o cordeiro é por excelência o animal de sacrifício a Javé.

Por sua vez, o *bode* ganha importância entre os animais sagrados no período após o exílio da Babilônia, e serve como vítima de expiação para que o Sumo Sacerdote faça o sacrifício pelo pecado do povo cometido diante de Javé (Nm 7,16; Lv 16,15).

Durante a festa do Dia da Expiação, o Sumo Sacerdote utilizava dois bodes para sacrificar pelo povo. Um dos bodes era sacrificado para redimir o pecado do povo e o outro era solto no deserto para afastar o demônio Azazel do meio do povo.¹⁰

O *pombo*, em hebraico, *yonah*, ganha um especial lugar nos textos bíblicos pelo seu sentido descritivo e comparado como animal que representa o amor. Também por ser um

⁹ Cf. A. DREHER. Por que esta noite é diferente de todas as outras? A festa da Páscoa no AT. In *A palavra na vida*. São Paulo, Paulus, 1985. p. 7.

¹⁰ Azazel é nome de um demônio ou do precipício no deserto. Cf. I. B. GASS. *A festa do Dia da Expiação*. In *A palavra na vida*, op. cit., p. 23.

dos animais mais baratos em tempo de crise econômica, sua comercialização no meio popular servia para que os sacerdotes pudessem lucrar em cima dos pobres.

O *pombo*, por sua importância nos sacrifícios, é o animal sagrado que purifica a mulher no pós-parto (Lv 12,6.8), depois que homens e mulheres se rendem às irregularidades sexuais (Lv 15,14.29), e para os doentes da lepra (Lv 13,22.30).

Mas as referências mais fortes em que é lembrado o pombo é de sua contribuição na passagem em que Noé solta um pombo para verificar se as águas tinham baixado depois do Dilúvio; este depois de algumas tentativas retorna com um ramo no bico. Assim, esse será um dos símbolos que se tornará conhecido mundialmente como o símbolo da paz.

A *serpente*, animal peçonhento, mas admirado pelos povos orientais, foi para o povo hebreu sinal de morte e de vida. Gênesis a descreverá como *o mais astuto de todos os animais do campo* (Gn 3,1). É por meio dela que iniciará a narrativa do rompimento entre Deus e homem. Mas a serpente vai servir para que o povo passe pela remissão de sua falta quando este comete o pecado da adoração do bezerro de ouro no deserto.

O *peixe* que cai em redes, por vezes comparado ao povo simples que cai nas armadilhas dos poderosos e passa a servir aos grandes da sociedade (Ecl 9,12). Lembra-se freqüentemente do peixe na passagem bíblica que relata o episódio de Jonas que ficou na barriga de um peixe simbolizando a descida às até entranhas do abismo para nascer de novo e ressignificar a vida. O peixe é símbolo da vida que vem de Deus (Ez 47,9).

2.2. A herança judaica de animais sagrados no Novo Testamento

Em uma compreensão básica podemos dizer que o novo se faz no antigo. Ou seja, o sentido da Nova Aliança perpassa pela figuração do Cristo que é imolado como *o cordeiro*. No Evangelho de João, Jesus é apontado como o cordeiro que tirará o pecado do mundo. *Eis o Cordeiro de Deus, Aquele que tira o pecado do mundo* (Jo 1,29). Entretanto, diferente dos cordeiros que eram levados para o matadouro por sua docilidade, Cristo é condenado porque foi contra o sistema religioso da época.

Por sua vez, o *pombo* remete a figura do Espírito Santo, que desce sobre Jesus quando é batizado (Mt 3,16; Mc 1,10; Lc 3,22; Jo 1,32).

A *serpente* no Novo Testamento é vista em sentido contraditório. Por um lado, observa-se que Jesus faz referência à serpente ao dizer que os discípulos devem ser prudentes como as serpentes (Mt 10,16), numa alusão que os discípulos têm de

ser mais espertos que os demais homens. Entretanto, o livro do Apocalipse vai retratá-la de novo como o mal, animal que pertence ao Maligno (Ap 12,9).

O *peixe* tem sentido forte nos Evangelhos; os convidados para formarem o grupo dos primeiros discípulos são pescadores: *Segue-me e eu vos farei pescadores de homens* (Mt 4,19). Sem deixar de mencionar que muitas das refeições têm como base o peixe. Mas em uma releitura, fazendo um paralelo entre Cristo e Jonas, percebe-se que Jesus representa o novo Jonas que desce ao *útero do peixe* e passa três dias para depois seguir sua missão de anunciar a mensagem de salvação ao povo de Nínive. Jesus também desce à mansão dos mortos, mas depois de três dias ressuscita para a vida nova que não terá fim.

2.3. A cristianização dos animais sagrados

Para os cristãos o *cordeiro* é rememorizado na festa da Páscoa, onde se faz memória da vitória da vida sobre a morte. Mas por influência da cultura européia muitos outros símbolos¹¹ foram incorporados às festas pascais: coelhos, ovos. É neste ritual que acontece a passagem do antigo para o novo (2Cor 5,17). Este acontecimento marcante é lembrado aos domingos nas celebrações.

¹¹ Cf. A. DREHER. Por que esta noite é diferente de todas as outras? op. cit., p. 19

Fazendo a releitura do Antigo Testamento, nota-se que o cordeiro era preparado para uma noite de fuga. No Novo Testamento, apresenta-se o corpo e sangue de Cristo como alimento alimento da caminhada, não como na época que se comia para a fuga, mas como alimento que mantém a pessoa de fé unida ao projeto do Reino de Deus.

No mundo cristão, o *pombo* também é revestido e ganha novo significado na *Festa de Pentecostes* como símbolo do Espírito do qual saem línguas de fogo. Assim será representado em diversos quadros simbolizando os dons do Espírito Santo. E mais, em uma outra passagem o pombo é simbolizado como sendo o animal da paz, lembrando a passagem de Noé que solta a pomba para verificar se as águas já haviam baixado, e ele volta trazendo um ramo verde. Sem dúvida, esse é um belo retrato simbólico para o Ocidente que também vê a pomba como um animal símbolo da fertilidade, por isso é muito usado em casamentos religiosos.

Os primeiros cristãos utilizaram a simbologia do *peixe* para se comunicarem entre eles. O peixe foi tido sinal de resistência para as primeiras comunidades que fizeram uma releitura acróstica das iniciais da profissão de fé, identificando-a com a pessoa de Cristo.¹²

¹² Cf. M. LURKER. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. São Paulo, Paulus, 1993, pp. 178-180.

Em tempos que se fala do problema da ecologia e que se busca uma nova concepção de mundo seria hora de valorizar os animais como criaturas de Deus e que todos os animais também têm direito à vida assim como o ser humano. Pensando nisto buscamos resgatar a importância que os animais tiveram para os povos como **sinais de vida** e também serviram para aproximar o homem de Deus.

3. UM DIA DEDICADO AO REPOUSO SAGRADO (SHABAT, DOMINGO)

Lembra-te do dia do Sábado para santificá-lo (Ex 20,8).

Em todos os povos existe o sagrado costume de escolher um dia para dedicá-lo à divindade. No judaísmo, celebra-se o sábado — *shabat* — como dia do repouso, da criação, dedicado a Javé (Ex 31,17; 20,8-11), sinal de expressão da identidade entre Deus e seu povo. Posteriormente, no universo cristão, o dia do sábado ganhou uma nova compreensão espiritual a partir do Domingo conhecido e celebrado como o Dia do Senhor (*Dies Domini*). Em ambos os casos, tanto para os judeus que celebram o Sábado, quanto para os cristãos que celebram o Domingo, o importante é dedicar um tempo àquele que é a razão da existência da humanidade.

3.1. Shabat, um dia dedicado a Javé

O *Shabat* ou *Shabbat* na língua hebraica, *shabbat*, significa *descanso*, enquanto que *Shabbos* ou *Shabbes* na pronúncia asquenazi é o nome dado ao dia de descanso semanal no judaísmo, sendo observado a partir do pôr-do-sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado. De acordo com a tradição judaica, o dia de *Shabat* foi ordenado por Deus como um dia de descanso após a realização da obra da criação. A ordem do descanso semanal é ordenado diretamente por Deus, no Tanakh após os seis dias da criação. Dentro do Tanakh sua observância é considerada de extrema importância, aparecendo como o quarto dos dez mandamentos (Ex 20,8-11; Dt 5,12-15). A tradição judaica acredita que um dia inicia com o pôr-do-sol e termine com o pôr-do-sol seguinte, pelo que o *Shabat* inicia-se com o pôr-do-sol da sexta-feira comum e termina com o pôr-do-sol do sábado comum.

O *Shabat* é o fundamento de todas as festividades judaicas. Ele é o símbolo de santificação do tempo, outorgando sentido à tarefa realizada nos seis dias anteriores. O homem repete em sua vida, isto é, em sua tarefa criadora da semana, aquilo

que o Criador do Universo realizou nos seis dias da criação, dedicando o sétimo dia ao descanso, à reflexão e à contemplação da obra criada.

O Shabat está em direta conexão com os seis dias de trabalho, e um não se entende sem o outro. Em cada Shabat, o homem interrompem a *Modificação* que opera na natureza, a fim de conseguir a harmonia entre ele e a natureza, entre ele e os animais, entre ele e seus semelhantes e, também, consigo mesmo.

Hoje, vive-se um período histórico no qual se percebe que já não observa muito o preceito do Shabat. O desenvolvimento histórico-social que se vive, hoje, leva a crer que *mais do que o povo de Israel tem conservado o Shabat, é ele, o Shabat, que conserva o povo de Israel*. Na tradição Judaica, a observância do Shabat está ligada à *Redenção do povo de Israel da escravidão do Egito*; liberdade esta não apenas no aspecto físico, mas também espiritual.

Nota-se, também, que o Shabat se traduz como um espaço de tempo essencial para o judaísmo, no qual se reconhece a existência do Deus Único, criador do universo, que se revela na sua Torá, aquele que um dia proverá a redenção de Israel e de toda humanidade.¹³ Portanto, o Sábado leva a pessoa a fazer a experiência da liberdade dos filhos de Deus. Entende-se que nesse dia ninguém está sujeito às amarras do mundo dominado pelo capital e justificado pelo trabalho e o dinheiro. *Nesse dia ninguém é senhor, ninguém é escravo, ninguém é pobre ou rico, homem ou mulher... neste dia cada um é aquilo que é, tal como é reconhecido pelo criador.*¹⁴ *Em Israel, podemos dizer que o Sábado é uma das leis mais antigas e originais do código da Aliança, que ganhou o estatuto de universalidade ao se dirigir, como lei, aos senhores para que a cumprissem em favor dos outros: tu, mas também tua filha e teu filho, teu servo e tua serva, o estrangeiro que mora contigo, teu animal de carga e de canga farão uma interrupção, ou seja, um Sábado, depois de seis dias de trabalho (Ex 20,8).*¹⁵

¹³ Cf. M. PASSOS, *A Festa na Vida*. Petrópolis, Vozes, 2002, p. 74.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Cf. L. C. SUSIN, *A Criação de Deus: Deus e a Criação*. São Paulo, Paulus, 2003, p. 80.

3.2. Domingo, um dia para o Senhor

No calendário civil, assim como no religioso, o Domingo é o primeiro dia da semana, seguindo o sábado e precedendo a segunda-feira. Etimologicamente, a Domingo vem do latim *Dies Dominica*, que significa *Dia do Senhor*. Existe, nessa mesma acepção, em castelhano (*Domingo*), italiano (*Domenica*) e francês (*Dimanche*).

Uma vez definido o Domingo, desde os tempos apostólicos, mereceu sempre, na história da Igreja, uma consideração

privilegiada devido à sua estreita conexão com o próprio núcleo do mistério cristão. O Domingo, com efeito, recorda, no ritmo semanal do tempo, o dia da ressurreição de Cristo. É a Páscoa semanal, na qual se celebra a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, o cumprimento nele na primeira criação e o início da nova criação (2Cor 5,11). É o dia da evocação adorante e grata do primeiro dia do mundo e, ao mesmo tempo, da prefiguração vivida na esperança do último dia, quando Cristo vier na sua glória (At 1,11; 1Ts 4,13-17) e renovar todas as coisas (Ap 21,5).¹⁶

No decorrer do percurso histórico do cristianismo, com a Páscoa de Jesus os cristãos vão personalizando o domingo, não mais somente como um dia de repouso, conforme era celebrado o sábado na tradição judaica, mas sim, como um dia memorável e inesquecível no que se celebra o evento pascal da Ressurreição de Cristo. Assim, o domingo passou a ser o dia mais importante da semana cristã, e recebeu o nome de Dia do Senhor (Ap 1,10).

Muitas são as notas teológico-litúrgicas que se tem a respeito do Domingo, tais como: dia semanal da páscoa, dia de festa e alegria, dia do sol, oitavo dia, dia do Espírito Santo, dia da assembléia cristã, dia do Evangelho e da ação evangelizadora, da solidariedade e da patilha, dia da comunhão com a natureza em festa celebrando a obra da criação. Além dessas atribuições que caracterizam a mística pascal cristã, pode-se acrescentar aquela da vitória e da nova humanidade resgatada pelo sangue do Cordeiro para continuar, no mundo, sendo uma extensão da obra redentora. Pode-se dizer que o Domingo é, por excelência, o dia do cristão.¹⁷

Pode-se dizer que, com o evento da Ressurreição de Cristo, o sábado judaico atingiu sua plenitude, ou seja, como um copo que já estava cheio de água, e que com Ele o sábado se derramou no domingo, dando uma nova dimensão teológico-litúrgica-espiritual à realidade sabática, tornando-a plenamente nova, contínua, perpétua, isto é, o Domingo, Dia do Senhor.

Hoje em dia, o Sábado parece ter se tornado como mais um dia qualquer. O mundo judaico religioso se esforça para manter viva a ordem bíblica do repouso. Igualmente, os cristãos tentam viver o sentido espiritual do Domingo, mas, frente aos desafios próprios do mundo pós-moderno, que visa somente à produção e o consumo, o domingo é tido por muitos como um dia qualquer, sem pouca referência ou disposição para ações que ponham em evidencia a originalidade da santificação do Dia do Senhor. Assim, tanto o povo judeu quanto o povo cristão são chamados a viver profundamente o Sábado e o Domingo, cada um na sua compreensão, porém, sem perder de vista os

¹⁶ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Dies Domini*. São Paulo, Paulinas, 1998, n. 1

¹⁷ Cf. J. A. DA SILVA, *O Domingo: Páscoa semanal dos cristãos*. São Paulo, Paulus, 1998, p. 10-29.

elementos místicos que visam a valorização da vida humana, já observados e ordenados pelo Deus da Vida.

4. A CEIA DA LIBERTAÇÃO E DA COMUNHÃO COM DEUS

Este dia será para vós um memorial,
e celebrareis como uma festa para Yahweh;
nas vossas gerações a festejareis:
é um decreto perpétuo (Ex 12,14-15).

A festa cristã da Páscoa tem origem na festa judaica, mas possui um significado diferente. Enquanto para o Judaísmo, *Pessach* representa a libertação do povo de Israel do Egito, no cristianismo a Páscoa é a festa maior que celebra a morte e ressurreição de Jesus Cristo, assimilando, também, diversos elementos alegóricos de morte e renascimento representados pela transição do inverno-primavera que ocorre neste período no hemisfério norte.

Os primeiros cristãos viram no mistério pascal de Cristo um novo Êxodo e uma nova Páscoa. Na pessoa do Nazareno, inocente e condenado pelos poderes deste mundo, enxergaram a salvação como sendo a passagem do Senhor que enfim manifestava o seu Dia. Assim, cumpria-se o Tempo e a Salvação, enfim, se fazia presente sobre a história. O Senhor voltaria novamente em plena glória e, enquanto tal, o povo havia que esperá-lo vivendo o amor até as últimas conseqüências.

A primeira parte do desenvolvimento desse tema versará sobre a questão da páscoa judaica. Num segundo momento tratar-se-á da páscoa cristã com relação à páscoa judaica, dando importância aos elementos simbólicos de origem judaica que permanecem ainda hoje no ritual da celebração da páscoa cristã.

Enfim, perceber-se-á que a celebração da Páscoa, entre judeus ou cristãos, é tida como a festa da vida e da alegria, mas também da urgência. Urgência de viver no respeito e não apenas na tolerância às diferenças que marcam as diversas identidades. Indignação e prática amorosa diante das enormes desigualdades que aprisionam e desumanizam sociedades inteiras.

¹⁸ Ambas aconteciam na primavera, uma era realizada no período da colheita abundante de trigo. A outra marcava o retorno dos pastores aos campos que comemoravam a fertilidade dos rebanhos. Cf. M. GIRARD, *Os Símbolos da Bíblia: Ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal*. São Paulo, Paulus, 1997, pp. 613-614.

4.1. A Páscoa judaica (*Pessach*)

Não se deve pensar a Páscoa como um evento isolado no cotidiano do povo judeu. No início da celebração dois momentos foram considerados de suma importância para sua realização: as festas agrícolas e as festas pastoris.¹⁸ Provavelmente a libertação da casa de escravidão se realizou neste período, o qual foi fator

de aglutinação das duas festas fundindo numa única páscoa, como evento que agora celebra a libertação.

A etimologia da palavra *páscoa* significa libertação, passagem, momento de recordar às novas gerações a sua origem: a descida de Israel para o Egito, os quatro séculos de escravidão, *o convite de Deus a Moisés e ao seu povo para marcharem* rumo à terra prometida.

Passaram séculos e os elementos da páscoa ficaram gravados no inconsciente judaico, mediante a realização de uma cerimônia que incorpora elementos do passado atualizados no presente. Assim, ao celebrar a páscoa o povo judeu atualiza o passado e relembra sua origem afim de não mais aceitar nenhum tipo de exploração.

O ritual da páscoa exige uma dedicação especial. Começando pelo *Chametz*.¹⁹ O fermento antes da celebração da páscoa já associava-se a um novo começo por isso não se podia fazer nada com o fermento antigo. Na páscoa isso ganha novo simbolismo, recebe o sentido de pureza.

Dentro do ritual de preparação realiza-se o *Bedikat Chametz*, uma procura simbólica em busca de algum fragmento de fermento que possa ter ficado, pois os alimentos com fermento já foram recolhidos. Os pais colocam alguns fragmentos de pães espalhados na casa e estimulam as crianças a encontrá-los e na manhã seguinte se queima o Chametz. O *matzá* uma espécie de bolacha não fermentada feita de farinha de trigo e água, cujo processo de fabricação não pode passar de dezoito minutos para a massa não levedar, só poderia ser comido depois que recitassem as sete primeiras bênçãos do *Seder*.²⁰ No rito do Seder conta-se toda a narrativa do Êxodo- *Hagadá*, no intuito de rememorar a sua libertação, pois todo o simbolismo das comidas faz jus à saída do Egito.

Na preparação do Seder o chefe da família reclinado sobre uma cadeira confortável, mostra a posição de um homem livre diferente dos escravos que comiam as pressas. Sobre a mesa encontram-se três *Matzot* e o castiçal. Uma delas é partida ao meio, sendo um pedaço guardado para o final do Seder, com os outros se recita a bênção do pão lembrando o shabat e a outra simbolizando o maná.

Uma bandeja é colocada na mesa com seis divisões trazendo os símbolos da rememoração da páscoa: O *Zerod*, o osso do carneiro assado representando o cordeiro pascal, simbolizando a mão forte de Javé. E uma reminiscência do primeiro Templo quando era oferecido o cordeiro. A *Beitzá*, um ovo cozido e queimado que representava a oferenda que se levava ao templo pela páscoa. Depois quando foi destruído o Segundo Templo ganhou o sentido de luto. O *Maror* era as ervas amargas que

¹⁹ É qualquer tipo de alimento que contenha como ingredientes grãos de trigo, centeio, cevada, aveia, ou espelta. É o ritual que segue uma ordem que está ligada ao ocorrido no passado ratificado pela Lei e na tradição judaica. Cf. A. C. AVRIL, *As Festas Judaicas*. São Paulo, Paulus, 1997, pp. 27-28.

²⁰ O Seder marca o início de Pessach. É uma cerimônia singular que reúne, de forma dinâmica e expressiva, rituais religiosos e uma ceia festiva. Cf. C. DI SANTE, *Liturgia Judaica: Fontes, estruturas, orações e festas*. São Paulo, Paulus, 2004, p 185.

representavam a opressão que eles sofreram no Egito. As *Karpas*, ramos de salsa ou de qualquer outra verdura ressalta o renascimento da primavera para o israelita sinal de libertação. O *Chorosset* era uma mistura de maçãs raladas, nozes moídas, vinho tinto, e canela, lembravam a massa de argila que eram submetidos a fazerem. A *Água salgada* símbolo de quanto suas vidas foram amarguradas com lágrimas.²¹ Um outro elemento é o vinho que acompanha todo o Seder, lembra as quatro promessas da redenção feitas por Javé.²² Junto à mesa do Sedar coloca-se uma taça que simboliza a vinda do profeta Elias que proclamará a era messiânica.

²¹ Depois de explicar a narrativa são servidos vários tipos de comidas: caldo galinha com Keneidlach (bolinhos de matzá), gefilte fish (peixe recheado), tzimés de cenoura (preparados com mel), Kugel de batatas (torta), de maçã, bolo de nozes e cenoura, biscoitos de amêndoas). C. DI SANTE, *Liturgia Judaica*, op. cit., p. 186.

²² *E vos libertarei do jugo dos egípcios e vos livrarei da servidão. Eu vos redimirei com o braço estendido (...) e vos tomarei por meu povo* (Ex 6,6-7).

As crianças ocupam um lugar importante na celebração, abrem as portas para que o profeta Elias entre. O imaginário delas deve ser estimulado na clássica pergunta: *Por que esta noite é diferente de todas as noites?* A narrativa chega ao seu final quando o chefe de família esconde um pedaço do Matzot e manda as crianças irem procurá-lo na intenção de premiá-las.

4.2. Unidade mística entre a Ceia Judaica e a Ceia Cristã

A Páscoa libertadora e da aliança vivida pelo povo de Israel, era figura e preparação da grande passagem de Deus por este mundo. No cristianismo esta passagem realiza-se pelo mistério da Encarnação do Verbo, Jesus Cristo, Senhor e Salvador. No Evangelho segundo João, Jesus é apresentado por João Batista como *o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo* (Jo 1,29-36). Jesus aparece como aquele que passa conduzindo a humanidade através do deserto, como pão da vida, conduzindo-o até a terra prometida, a pátria Celeste, a Vida Eterna.

A partir da experiência de passagem, o povo começa a celebrar a Páscoa através da ceia e da liturgia da palavra. Revive, portanto, a páscoa da libertação e da aliança por meio do rito comemorativo, a páscoa celebrada, a páscoa vivida no rito.

Como os judeus, o povo cristão ao celebrar a Páscoa, de geração em geração, vai passando de libertação em libertação, renovando sempre a aliança com seu Deus.

Assim como Israel que sentia a presença salvífica de Deus quando da libertação do Egito, da passagem do Mar Vermelho e da conquista da terra prometida, assim também os cristãos, o novo povo de Deus, não pode deixar de sentir sua passagem que salva quando se dá o verdadeiro desenvolvimento que é para todos e cada um por ação de Deus, a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas.

Jesus é o cordeiro imolado, a verdadeira páscoa, para os cristãos. O Concílio Vaticano II resume assim este grande

evento da história da salvação: *Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu filho, verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, para evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, como médico corporal, mediador entre Deus e os homens. Sua humanidade, na unidade da pessoa do Verbo, foi instrumento de nossa Salvação. Pelo que, em Cristo, ocorreu a perfeita satisfação de nossa reconciliação e nos foi comunidade a plenitude do culto divino.*²³

²³ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição sobre a Sagrada Liturgia, Sacrosanctum Concilium*, n. 5.

Os evangelistas ligam a morte de Jesus à celebração da Páscoa dos Judeus. Lucas, por exemplo: *Estavam próximo à festa dos Ázimos que se chamava Páscoa. Os Sumos Sacerdotes e os escribas procuravam uma ocasião para matá-lo, pois temiam o povo* (Lc 22,1-2). *Ao chegar a hora, Jesus se pôs à mesa com os apóstolos e lhes falou: Desejei comer esta páscoa ardentemente convosco antes de sofrer* (Lc 22,14-15). São Paulo expressamente fala aos Coríntios: *Cristo, a nossa Páscoa, já foi por nós imolado* (1Cor 5,7).

A narração da paixão, morte e ressurreição de Jesus, se insere no núcleo da Páscoa do Antigo Testamento. Assim as primeiras comunidades Cristãs aproximaram o conteúdo pascal do Antigo Testamento com o evento Jesus Cristo, assumindo e celebrando como verdadeiro cordeiro de Deus, no qual se sela uma aliança eterna.

Nesse novo sentido pascal, para o cristão ocorre uma substituição da libertação pascal judaica pela redenção de Cristo e do sacrifício do cordeiro pelo de Cristo.

Assim, a ação pascal de Cristo assume as características de imolação do Cordeiro, dando-lhe um teor de sacrifício que representa a paixão e a morte, com dor e sangue, como oferenda agradável a Deus.

4.3. A Mística pascal na Liturgia Cristã

A centralidade do mistério pascal encontra-se na eucaristia fonte e ápice de toda a vida cristã. Nela o mistério pascal é celebrado como memorial da morte e ressurreição do Senhor. Assim, na sexta-feira Santa a Cruz torna-se o *novo altar* local onde o Cristo se ofereceu em sacrifício em reparação pelos pecados da humanidade.

O altar assume uma centralidade, ponto de referência de toda a celebração. Tanto que, para realçar a sua centralidade, em muitas igrejas se colocava sobre ele até mesmo uma espécie de cobertura, uma cúpula sustentada por quatro colunas, chamada de baldaquino.

Esse altar que antes foi a oferta simbolizada na cruz de Cristo, torna-se o nosso coração, e nos convida a contemplá-

lo, remetendo-nos a ele numa atitude de um diálogo íntimo e profundo após a comunhão.

A presença real de Cristo é vivenciada e sentida na globalidade simbólica da celebração, isto é, na assembléia reunida, na Palavra proclamada, na presidência da celebração e, sobretudo, nas espécies de pão e vinho.

A Eucaristia enquanto celebração da memória da Páscoa constituiu a principal fonte de espiritualidade cristã. O lugar onde os cristãos encontram força para levar adiante a missão de Jesus.

A Palavra proclamada também possui uma centralidade, como presença viva do Senhor falando para o seu povo. Prevalece a consciência de que a Liturgia da Palavra (como momento do diálogo da Aliança) e a Liturgia Eucarística (como momento do selo da Aliança) constituíam um só ato de culto

O mistério pascal celebrado constitui a principal fonte de inspiração teológica, a saber, a teologia eucarística é então elaborada, principalmente a partir da experiência do mistério de Deus na Divina Liturgia (escuta da Palavra e participação do Sacramento). Estuda-se a Eucaristia no culto e a partir do culto. Como ensinava Santo Ambrósio: *Vocês querem conhecer a Eucaristia? Vejam o que dizem as orações eucarísticas da tradição das Igrejas.*²⁴

²⁴ Cf. C. GIRAUDO, *Num só corpo*. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo, Loyola, 2003, pp. 7-13

Como ovelha conduzida ao matadouro ele não se queixava, assume nossas culpas (Is 53), a tradição cristã buscou fundamentar essa imagem do antigo cordeiro que era oferecido em reparação pelas culpas do povo judaico e adaptaram-na à Celebração Eucarística. Portanto, dessa maneira, da boca de João Batista sairá a aclamação *eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo* (Jo 1,29-31). Assim, não é mais um animal que na Páscoa era sacrificado, mas é o próprio Filho de Deus que se entrega em sacrifício.

Caminhando para a morte duma maneira absolutamente consciente e livre, é na última ceia, com as palavras sobre o pão e sobre o cálice, que Jesus, antecipando-a de maneira sacramental, revela a sua morte em todo o seu alcance redentor, fazendo dela a sua verdadeira Páscoa, e nela a Páscoa do universo, da humanidade. Para a mentalidade do tempo, sentar-se à mesa com alguém era criar uma comunidade de vida, uma comunidade de paz, por participação do mesmo alimento, fonte de vida; pois, comer à mesa é sinal de comunhão, de reconciliação. Sobretudo a participação nos bens messiânicos, da salvação futura que Jesus oferecia a todos. A última ceia foi vivida em ambiente pascal.

Quando Jesus diz do pão que abençoa, parte e reparte, que é o seu corpo (entregue à morte) e do vinho ser o seu sangue

derramado, apresenta a sua morte como o verdadeiro sacrifício pascal do qual Ele é o cordeiro pascal escatológico (1Cor 5,7), cuja morte realiza a nova aliança prefigurada no Sinai (Ex 24,8) e predita para os tempos da salvação (Jr 31,31-34).

A Eucaristia será o rito pelo qual a Igreja se une ao seu **Mestre e Senhor, o torna presente, entre a sua partida e a sua última vinda.**

Entregando-se à morte, Jesus resgata uma multidão, oferecendo-se como Servo de Javé (Is 53) no altar da nova aliança na cruz, que é compreendida não mais como o sangue de um animal que purificava o povo, mas com o seu próprio sangue, que hoje é assumido na celebração da santa missa em forma de vinho que diante do altar se transformará em sangue da Nova Aliança, bebida de salvação. Bem como o pão que é o próprio corpo de Cristo que imolado na cruz, torna-se altar do Senhor fonte de salvação para toda a humanidade.

Com sua Páscoa, Jesus assume a postura de sacerdote da nova aliança superando o sacerdócio judaico, tornando-se o mediador da Nova Aliança entre Deus e a humanidade. Assim, Jesus estabelece a Nova Aliança vinculada ao seu sangue, cuja finalidade não mais livrar o povo da praga exterminadora, mas sim de toda condição de pecado.

A nossa Páscoa, portanto, significa a libertação de todo o pecado, da morte. É o dom da vida e da vida plena, fruto renovado na cruz, selado pela Nova Aliança no sangue de Cristo, o Cordeiro por excelência.

5. FESTAS DO SOPRO DIVINO: SHAVUOT E PENTECOSTES

Se vivemos pelo Espírito,
caminhemos também sob o impulso do Espírito (Gl 5,25).

A motivação e a nossa inspiração acontecem quando estamos ligados à força de Deus em nós. O despertar dessa força poderosa se concretiza no momento em que estamos em sintonia com o *sopro divino*. O vento divino age em nossa vida recriando e nos vivificando. A esse respeito, temos o propósito de desenvolver uma exposição teológico litúrgica sobre as festas do sopro divino: *Shavuot*²⁵ e Pentecostes.

A propósito, trataremos de situar ambas as festas em âmbito bíblico-litúrgico, buscando verificar os elementos místicos e simbólicos rituais dessas festas em sua origem, bem como sua ressignificação e continuidade na liturgia cristã. Veremos que a festa do Shavuot recai sempre em seis dias de Sivan²⁶ e dura

²⁵ *Shavuot* (semanas) é o nome da festa judaica também conhecida como Festa das Colheitas ou Festa das Prímicias, celebrado no quinquagésimo dia depois da Páscoa. Devido a esta contagem, a festa é também chamada de Pentecostes.

²⁶ *Sivan* é o terceiro mês do ano que está conectado ao terceiro dos atributos divinos que é a misericórdia. O número três está associado aos eventos ocorridos neste mês: a outorga de uma tripla Torá (Torá, Neviim e Ketuvim) a um povo triplo (Cohanim, Leviim e Israelim) no terceiro mês (Sivan) por três (Moshê, Aharon e Miriam); número que mais destacadamente aparece em toda a Torá é o número sete, o valor da letra *zayin*.

dois dias na Diáspora (um único dia em Israel). Mas, sobretudo, é reconhecida como a Festa da entrega da Torá.

O livro do Êxodo 23 acentua, especialmente, o lado agrícola das três festas de peregrinação: Pessach,²⁷ Shavuot e Sucot.²⁸ A festa de Pessach, a Torá denomina como a *Festa da Primavera*, isto é, na época na qual os cereais no campo ainda estão no início de seu desenvolvimento. A festa de Sucot ela chama de *Festa da Colheita* isto é o fim do ano agrícola ao recolherem os frutos do campo. E a festa de Shavuot ela chama de *Festa da Ceifa, a primícia de seu labor que semearás no campo*.

Nesta festa foi ordenado aos filhos de Israel a oferenda de primícias: *As primícias dos frutos da tua terra trarás à casa do Senhor, teu Deus* (Ex 23,19). A origem do nome *Shavuot* vem da instrução da Torá contar sete semanas a começar na festa da ceifa em Pessach e, no fim destas sete semanas, festejar uma segunda festa de ceifa (Ex 34,22; Lv 23,15 até o fim; Dt 16,9-10). Como já foi dito, a festa de Shavuot também é chamada de *Festa da Ceifa* (Ex 23,16) e *Festa das Primícias* (Nm 28,27).

Na literatura talmúdica esta festa é chamada algumas vezes de *Atzeret*.²⁹ O significado deste nome é o reunir-se em um ambiente de seriedade. Para os sábios de bendita memória, o significado do nome *Atzeret* é dia que encerra a festa, daqui podemos deduzir que eles vêm nesta data o encerramento da festa de Pessach. *Shavuot* é visto como a *Atzeret* de Pessach, isto é, o final da festa de Pessach.

Shavuot não assinala somente o fim da ceifa dos cereais que começou em Pessach, mas também o ponto culminante do processo dos festejos da liberdade que se iniciaram com o êxodo do Egito e finalizou com o recebimento da Torá no Monte Sinai, que, pela tradição, ocorreu na festa de *Shavuot*.

Shavuot é a única festa sobre qual não nos foi transmitido pela Torá uma data exata quando comemorá-la. Em vez disso o povo foi ordenado a contar sete semanas como está escrito: *Contareis para vós outros desde o dia imediato ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida...* (Lv 23,15). A colheita dos feixes da nova safra de cevada sinalizou o início da contagem; no quinquagésimo dia festejaram a nova festa da colheita. Nos dias que o Sagrado Templo existia, a festa de *Shavuot* era a festa na qual o agricultor saía junto com seus vizinhos, numa procissão alegre para Jerusalém para levar as primícias dos frutos de sua terra como oferenda de graças ao seu Deus.

Na Mishná³⁰ **nos encontramos uma descrição muito viva** dos preparativos que fazia o agricultor para levar as primícias e dos cerimoniais ligados a isso. Depois da destruição do Templo

²⁷ *Pessach* ou seja, *passagem*, é o nome do sacrifício executado em 14 de Nissa segundo o calendário judaico e que precede a Festa dos Pães Ázimos (*Chag haMatzot*). Geralmente o nome *Pessach* é associado a esta festa também, que celebra e recorda a libertação do povo de Israel do Egito, conforme narrado no livro do Êxodo.

²⁸ *Sucot*, cabanas, é um festival judaico que se inicia no dia 15 de Tishrei de acordo com o calendário. Também conhecido como *Festa dos Tabernáculos* ou *Festa das Cabanas* ou, ainda, *Festa das colheitas* visto que coincide com a estação das colheitas em Israel, no começo do Outono. É uma das três maiores festas, conhecidas como *Shalosh Ragemim*, onde o povo de Israel peregrinava para o Templo de Jerusalém.

²⁹ *Shemini Atzeret* é a festa da conexão do Oitavo Dia de Assembléia, de acordo com o judaísmo. Depois de completar os sete dias de *Sucot*, o Oitavo dia significa que o judeu quer permanecer mais um dia na *Sucá* (na presença Divina).

³⁰ *Mishná*, *repetição*, é o nome dado ao principal e mais recente texto do judaísmo rabínico escrito em aramaico do segundo século depois de Cristo cujo conteúdo foi extraído do Tanakh. É uma compilação da Lei Oral redigida sob a supervisão de Judá HaNasi.

sagrado mudou o tom dominante desta festa para ser o dia do recebimento da Torá no Monte Sinai quando foram declarados os Dez Mandamentos aos filhos de Israel.

5.1. Festa campestre e festa religiosa

O caráter mais antigo de Shavuot é o de festa campestre. Trata-se de um momento de muita importância na vida do povo dedicado ao cultivo da terra, e consistia em não passar sem uma exteriorização de gratidão. Assim, pois, dos próprios produtos que, graças à proteção divina, puderam ser extraídos do solo, eram separadas as primícias e apresentadas como oferenda. Na época do Templo, Shavuot se caracterizava pelas peregrinações. Grandes grupos de agricultores afluíam de todas as províncias e o país adquiria um aspecto animado e pitoresco.

5.2. Dinâmica da liturgia ritual

Os muitos relatos bíblicos não revelam, com clareza, a ordem do culto, mas é possível levantar alguns passos dessa liturgia: A cerimônia começava quando a foice era lançada contra as espigas (Dt 16.9). É bom lembrar que deveria ser respeitada a recomendação do direito de respigar dos pobres e estrangeiros (Lv 23.22; Dt 16.11); A cerimônia prosseguia com a peregrinação para o local de culto (Ex 23.17); O terceiro momento da festa era a reunião de todo o povo trabalhador com suas famílias, amigos e os estrangeiros (Dt 16.11). Essa cerimônia era chamada de *Santa Convocação* (Lv 23.21). Ninguém poderia trabalhar durante aqueles dias, pois eram considerados como um período de solene alegria e ação de graças pela proteção e cuidado de Deus (Lv 23.21); Depois disso, no local da cerimônia, o feixe de trigo ou cevada era apresentado como oferta a Deus, o Doador da terra e a Fonte de todo bem (Lv 23.11); Os celebrantes, a seguir, alimentavam-se de parte das ofertas trazidas pelos agricultores. As sete semanas de festa incluíam outros objetivos, além da ação de graças pelos dons da terra: reforçar a memória da libertação da escravidão no Egito e o cuidado com a obediência aos estatutos divinos (Dt 16.12). Era ilegal usufruir da nova produção da roça, antes do cerimonial da Festa das Colheitas (Lv 23.14).

5.3. Características da Celebração

A Festa das Colheitas era alegre e solene (Dt 16.11). A celebração era dedicada exclusivamente a Javé (Dt 16.10). Era uma festa ecumênica, aberta para todos os produtores

e seus familiares, os pobres, os levitas e os estrangeiros (Dt 16.11). Enfim, todo o povo apresentava-se diante de Deus. Reconhecia-se e afirmava-se o compromisso de fraternidade e a responsabilidade de promover os laços comunitários, além do povo hebreu. Agradecia a Deus pelo dom da terra e pelos estatutos divinos (Dt 15.12). Era uma *Santa Convocação*. Ninguém trabalhava (Lv 23.21). Era celebrado o ciclo da vida, reconhecendo que a Palavra de Deus estava na origem da vida *da semente, da árvore, do fruto, do alimento* da vida.

5.4. O sentido da Festa do Sopro Divino

Aprender a ter compromisso com Deus e com a comunidade

Ao celebrar a festa, toda a comunidade aprendia a ser responsável para com a vontade de Deus e com o próximo; não somente com os irmãos de sangue e de fé. O ritual da festa ensinava, pedagogicamente, que Deus é o Criador e Sustentador das leis que regem o mundo. Ele fez uma distribuição comunitária da terra e mandou a chuva para hebreus e gentios, bons e maus, homens e mulheres, jovens e crianças. O ritual da festa entendia que o grande problema da humanidade é a falta de amor de uns para com os outros.

Aprender a repartir os dons

Inicialmente, o povo bíblico convivia com as leis divinas de modo feliz, sem lhe causar sofrimento. Por exemplo, a Festa das Colheitas ensinou a comunidade de trabalhadores do campo que se deveria entregar o excedente de sua produção agrícola para Javé, a fim de que essa oferta fosse compartilhada com os menos favorecidos (Lv 25.6-7, 21-22). A pedagogia dessa lei possui uma profunda sabedoria, pois ela tem como alvo educar o povo dentro dos princípios da solidariedade e igualdade social.

Aprender a agradecer

Ao agradecer a Deus pelo dom da terra — para morar, plantar e alimentar dos frutos produzidos nela; o povo descobria os mistérios da graça divina. Ser grato pela *terra que mana leite e mel*, pela cevada, trigo e outros grãos que sustentam vida representam uma *alegria de enormes proporções*. Além da terra, os celebrantes eram ensinados a agradecer a Deus pela instrução que disciplina e ordena a vida comunitária.

5.5. Festa cristã do Sopro do Espírito

Sabemos que, com os cristãos a Festa da Colheita e dos frutos da terra tomou outra dimensão: o *Pentecostes*.

O Pentecostes a que se refere Lucas no livro dos Atos dos Apóstolos é, portanto, a festa judaica, que se celebrava em Jerusalém (At 2,1-4). A ela assistiam muitos peregrinos provenientes de diversas partes do Império Romano.

Quando já estavam praticamente demarcados os limites entre judeus e cristãos, estes últimos foram adotando instituições, celebrações e comemorações próprias cujo centro é Cristo Ressuscitado. Por isso, Lucas, no livro dos Atos dos Apóstolos, situa o dom do Espírito Santo, mandado pelo Pai, cinquenta dias depois da Páscoa (At 2,1). Ressalta assim simbolicamente o dom enviado por Deus ao povo que havia aceito sua total libertação, realizada na Páscoa de Jesus. *Não existem palavras de Deus sem experiências humanas do Espírito de Deus. Por isso, também as palavras de anúncio da Bíblia e da Igreja devem ser referidas às experiências dos homens.*³¹

Para os cristãos que procediam do judaísmo era fácil entender esta mutação do referencial da festa judaica, e para os cristãos de outra origem eram uma grande notícia que Deus houvesse derramado sobre eles seu Espírito Santo.

Lucas toma os elementos simbólicos de ressonância cósmica para manifestar que aquele acontecimento era uma intervenção de Deus. É a irrupção do Espírito Santo na história humana. Com a festa de Pentecostes inaugura-se a etapa definitiva na história da salvação. É o início da pregação do Evangelho por parte da Igreja Apostólica.

O Espírito empurra a Igreja para além das fronteiras geográficas e culturais. Por isso, todos entendem a mensagem na sua própria língua. Outro elemento importante é que os discípulos estão reunidos em comunidade, e o anúncio inaugura uma nova comunidade.

Jesus lhes assegura que não os deixará sozinhos; que o Espírito Santo de Deus os assistirá para que entendam tudo o que ele lhes anunciou. Assim o cumpre. Agora lhes comunica o Espírito que tudo cria e renova. Sopra sobre eles o sopro divino, como Deus soprou para criar o ser humano. Eles são as pessoas novas da criação restaurada por sua entrega amorosa.

Na colheita abundante o povo celebra os dons de Deus transformados em abundância. O sopro divino que realiza na vida do povo o milagre da sustentação e da sobrevivência, age e reage oferecendo ao povo a oportunidade de dar ação de graças aos dons da terra. A festa da colheita é farta porque a presença de Deus é certa. Fortalece para a missão de testemunhar e

³¹ Cf. J. MOLTSMANN, *O Espírito da Vida*. Uma pneumatologia integral. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 15.

anunciar Jesus ao mundo. Para isso recebemos a plenitude de seus dons bem como a capacidade de proclamar a todos que somos enviados pelo Evangelho de Jesus. O Espírito Santo é o amor do Pai e do Filho derramado em nossos corações. O amor é fogo que arde, é chama que aquece e é força que aproxima e une. O milagre das línguas é este: tomados pelo amor de Deus os homens passam a viver uma profunda comunhão e entre eles se estabelecem a concórdia e a paz destruídas pelo orgulho de Babel, raiz da discórdia e da confusão das línguas.

Guiar a Igreja nos caminhos da história para que ela permaneça fiel ao Senhor e encontre sempre de novo os meios de anunciar eficazmente o Evangelho, é a missão do Espírito. Isto o Espírito Santo faz assistindo aos pastores, derramando seus carismas sobre todo o Povo e a todos sustentando na missão de testemunhar o Evangelho. É pelo Espírito Santo que Jesus continua presente e atuante na sua Igreja.

Pentecostes indica um rumo diferente. Num mundo cheio de torres, de religiões, de opiniões políticas, filosóficas e religiosas, Deus cria uma nova vida. E o faz por meio da sua Palavra. Assim, enquanto as pessoas falam dos feitos de Deus, criam-se reconciliação e aproximação. Se com nossas simples palavras podemos aproximar, curar, animar e consolar, quanto mais não será possível com a palavra de Deus?

E esta palavra anuncia que Deus não é um Deus ausente, mas que continua a agir e jamais abandona os que nele confiam. Esta palavra une e congrega os que a ouvem e aceitam. E, uma vez aceita, esta palavra leva a falar, a servir e a amar. Ela dá nova vida, conforta, consola, guia e orienta na vida. E nos dá a certeza de que jamais estamos sozinhos neste mundo. E é, por isto, que o nosso mundo tem salvação.

A colheita de vidas preciosas para o Reino de Deus é consequência da experiência diária do Pentecostes (plenitude do Espírito), pois, cheios do Espírito, somos eficientes na comunicação, fiéis ao conteúdo do Evangelho na pregação e no testemunho, levamos vidas ao compromisso absoluto com Jesus como Salvador e Senhor, demonstramos de maneira prática os valores do Reino de Deus na comunidade dos crentes e o resultado é o mesmo registrado em Atos 2,47b: *Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.* Ou ainda: *Erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa* (João 4,35).

A violência, a injustiça, a miséria e a corrupção social hoje nos enchem de medo, desalento e desesperança. Mas Ele irrompe em nosso interior, atravessa as portas do coração e ilumina o entendimento para que compreendamos que não nos abandonou; está aqui presente.

É inegável a dimensão abrangente que o Shavout e depois Pentecostes trazem para a cultura religiosa dos povos. A presença do Espírito vem trazer-nos a colheita bendita dos frutos da terra e dos dons espirituais de cada ser humano. A presença do Espírito feito fruto ou dom alimenta-nos com a **sua presença dinâmica e restauradora**. Assim como o povo se alegra com a abundância de seus alimentos e dá graças a Deus pela colheita, o Pentecostes dos cristãos reunidos inaugura uma nova forma de dar graças a Deus pelos dons variados que o Espírito oferece. Além de alimentos materiais, oferece também os espirituais. O medo se transforma em coragem e força para a missão. A presença do Espírito de Jesus fortalece o espírito humano na colheita de homens e mulheres para o reino de Deus. O Espírito se faz presença fortificadora e vivificadora do ânimo daqueles que seguem a Jesus Cristo.

Por isso podemos afirmar que: *A presença do Espírito é causa de colheita farta.*

6. FESTAS DA EXALTAÇÃO DIVINA E DA LUZ DO TEMPLO (ROSH HA-SHANAH E HANUKKAH)

Na lua nova soai a trombeta, na lua cheia,
na festa solene (Sl 80,4).

Entre as muitas e significativas festas do povo judeu, como as festas de peregrinação (*pesah*, *shavu'ot* e *sucot*); as festas austeras (*rosh ha-shanah* e *yom kippur*) e as festas menores (*hanucah* e *purim*),³² todas com seus ricos elementos folclóricos e populares, chamamos à atenção para duas dessas festas por causa de suas similitudes com as comemorações festivas de início e fim de ano cristão. São elas: a festa austera de **Rosh ha-shanah** e a festa menor de **Hanukkah**.

A primeira assinala o início do ano no calendário judaico e a outra é a festividade das luzes e da dedicação do templo. Encontra-se em ambas uma forte correspondência e proximidade com as festas de Cristo Rei e de todo o ciclo litúrgico do Natal. Tudo isso conduzindo a uma constatação de que as festas judaicas serviram, de fato, como inspiração para as cristãs.

6.1. Dia de Aclamações e de oferendas

A compreensão do tempo como elemento simbólico espiritual ocupava um caráter especial na vida do povo judeu. O começo de cada mês ou estação do ano, bem como as datas comemorativas eram revestidas de um sentido místico que,

³² É no seu conteúdo teológico que elas se diferem. As primeiras, por exemplo, fazem memória do evento salvífico de Israel; são chamadas de peregrinação devido ao fato de na antiguidade, terem um grande fluxo de pessoas indo a Jerusalém para celebrá-las. As austeras evocam um caráter de arrependimento do homem em relação a Javé e de profunda conversão. As menores não possuem fundamento da *Torah* e se referem a acontecimentos de menor importância na história de Israel. Cf. C. DI SANTE. *Liturgia Judaica*, op. cit., p. 210.

de certa forma, colocava em evidência o sentimento deste povo na sua relação com Javé. Assim, a cada momento novo incorporavam-se novas características simbólicas e espirituais que ajudavam a explicitar essa relação, especialmente através da liturgia festiva, conforme veremos na dinâmica da celebração do *Rosh ha-shanah*.

6.1.1. Festa de exaltação a Javé (*Rosh ha-shanah*)

O começo de cada mês e de cada festa era marcado pelo toque da *shofar*.³³ Mas no primeiro dia do sétimo mês a *shofar* anunciava um dia especial (cf. Lv 23,24). Era dia de descanso e dedicado ao culto, mais importante que o próprio sábado, a julgar pelas ofertas que se faziam. Marcava o sétimo mês como o mais solene do ano. Depois do Exílio foi considerado como festa de *Ano Novo*.

A *Rosh ha-shanah*, segundo alguns poucos textos bíblicos que a citam, é um dia de comemoração, de repouso e aclamações ao som da *shofar*. Dia de oferecer holocausto, oblações e um bode em sacrifício pelo pecado (cf. Nm 29,1-6). A *Torah*, portanto, dá a este dia dois nomes: *comemoração ao som da trombeta*, *zikrom teru'ah* (cf. Lv 23,24) e dia de Aclamações, *yom teru'ah* (cf. Nm 29,1).³⁴ Mas é mesmo no sentido litúrgico que se entende esta festa como dia das Aclamações, ou seja, *dia da festa em que Deus é aclamado* como rei.³⁵

Ainda quanto à definição de *Rosh ha-shanah*, esta expressão indica início (cabeça) do ano, provém de *Rosh Hodesh*, início (cabeça) do mês. *Rosh ha-shanah* é, assim, o início do mês que é o primeiro do ano. *O início temporal é metáfora de um início ontológico, atemporal. Por isso Rosh ha-shanah lembra, em primeiro lugar, a criação do mundo.* E traz consigo o conteúdo de consciência de ter quebrado a Aliança e vontade de restabelecê-la; consciência da infidelidade à *Torah*, e voltar a se submeter à sua autoridade. Por isso, ao soar o *shofar*, como símbolo da voz de Javé, que, como no monte Sinai, se revela a seu povo obtendo dele a sua obediência e fidelidade, o povo judeu é convidado novamente ao monte santo para renovar a sua Aliança.³⁶

O dia da *Rosh ha-shanah* é para o julgamento do mundo. Este juízo não é para a condenação, mas para conversão e o perdão. É dia também do aniversário da criação do mundo.³⁷ Um aspecto fundamental sobressai daqui: nesse dia, chamado também da recordação, exprime-se a *lembrança do próprio Javé para com o homem. É Deus que se recorda do humano* e o visita. Isso se verifica nos textos lidos nesta festa: a visita de Javé à Sara ou a prova de Abraão ou a lembrança à Ana

³³ Trombeta, *shofar*, em hebraico, é um instrumento de chifre de qualquer animal, menos do bovino, por causa do bezerro de ouro. É em geral encurvado para indicar a submissão do homem diante de Deus. O seu toque é um preceito da *Torah* (Lv 23,24). Cf. *Ritual de Rosh ha-shanah*, p. 112.

³⁴ Habitualmente traduzido por *aclamação*, *teru'ah* designa um grito solto pelo povo: grito de guerra, ou grito aclamante durante um ritual, como na chegada da Arca ao acampamento (1Sm 4,5); ou como na subida da arca de Javé, trazida por Davi, em que aclamavam e tocavam a *shofar* (2Sm 6,15); ou ainda nos Salmos: Javé se eleva por aclamações, e ao toque da *shofar* (Sl 47,6).

³⁵ Cf. *Ritual de Rosh ha-shanah*, p. 93.

³⁶ Cf. C. DI SANTE. *Liturgia Judaica*, op. cit., pp. 229-231.

³⁷ Cf. *Ritual de Rosh ha-shanah*, p. 94.

(Gn 21,1-4; 22,1 e 1Sm 1,19-20). A lembrança de Deus é o amor criador que acolhe e socorre, sustentando no deserto da esterilidade o milagre da fecundidade. É certo que também o homem deve se recordar de Deus, mas a recordação do homem é a recordação de Deus.³⁸

Como se viu a *Rosh ha-shanah* possui vários sentidos, os quais estão justapostos com uma acentuação de única intuição: que o tempo, vivido de acordo com Deus, não é ameaça, mas sede de bom senso. Destarte, *Rosh ha-shanah*, além do seu forte caráter penitencial, caracteriza-se por uma profunda e sóbria alegria.³⁹

6.1.2. Festa da Celebração da Luz do Templo (*Hanukkah*)⁴⁰

O *Hanukkah* é a festa das Luzes e da dedicação. Isso porque no ano de 167 a.C., quando os gregos entraram no Templo liderado por Antíoco IV Epífanes, rei dos Selêucidas, profanaram-no, oferecendo sacrifícios a Zeus. Isso causou grande indignação, fazendo com que os hasmoneus, liderassem uma revolta, encabeçada por Judas Macabeu, que em 165 a.C. conseguiu derrotar os sírios e reconquistar o Templo, consagrando-o com grande festa (2Mc 8-10). Pois, ao entrarem novamente no templo, encontraram apenas um cântaro pequeno de óleo puro inviolado com o selo do Sumo Sacerdote, o qual foi usado para acender o candelabro de oito braços (*hanukkyah*).⁴¹ Na ocasião um cântaro de óleo que durava apenas um dia, durou por oito dias.⁴² Assim, passaram-se a comemorar esses oito dias, anualmente, considerando-os santificados, dando-lhes o nome de *Hanukkah*, dedicação, conhecida também como *festa da luzes*, sua data é a partir do 25 de Kislev, aproximadamente o mês de dezembro.⁴³

O acento litúrgico dessa festa está na reconsagração do Templo profanado por Antíoco IV. O elemento ritual de grande relevância é o acendimento das velas⁴⁴ as quais são colocadas no candelabro, que aceso e *brilhando em toda a sua beleza é o símbolo do templo de Deus novamente em seu esplendor inicial*.⁴⁵

Um outro aspecto litúrgico é a oração *pelos milagres*, na qual se agradece os favores de Javé para com o seu povo, que entregou o iníquo império helênico na Síria.

As leituras deste dia são sobre a consagração do altar no tempo de Moisés (Nm 7) e a que fala sobre o *lampadário todo de ouro, com um reservatório em sua parte superior; sete lâmpadas estão sobre ele e sete canais para as lâmpadas que estão em sua parte superior* (Zc 4,2). Não se lê nada do livro dos Macabeus, pois este não faz parte do Cânon dos judeus.

³⁸ Cf. C. DI SANTE. *Liturgia Judaica*, op. cit., p. 232.

³⁹ São três os elementos típicos que a caracterizam o seu simbolismo: a *tefillah*, o *musaf* e o soar do *shofar*. O *tefillah* contém uma primeira bênção, enriquecida por uma oração pela vida, seguida de uma longa invocação à sabedoria de Deus. O *musaf* são três orações conhecidas como da *soberania*, da *recordação* e do *som do shofar*. Elas desenvolvem o tema da realeza divina, o amor por Israel e alguns eventos da história da salvação. O soar do *shofar*: recorda a coroação do rei e neste dia se celebra Deus como *Criador e Rei do mundo*, lembra a revelação no Sinai, a importância do ensinamento dos profetas, a destruição do Templo ao toque da trombeta dos inimigos. Por fim, a cerimônia do *tashlik* (tu lançarás) dá a característica essencial a *Rosh ha-shanah*. Cf. *Ritual de Rosh ha-shanah*.

⁴⁰ É chamada uma das festas *menores* porque não é citada pela *Torah*. Cf. C. DI SANTE. *Liturgia Judaica*, op. cit., p. 241.

⁴¹ Os oito braços do candelabro especial para esta festa estão nivelados e correspondem aos oito dias de *Hanukkah*. Cf. *Ritual de Hanukkah*. p. 4.

⁴² Cf. Talmud di Babilônia, *Shabat* 21b Apud F. ABADIE – MASSONNET, J., *Il mondo dove visse Gesù: Il culto nella società giudaica*. Bologna, Studio dominicano, 2005, p. 158.

⁴³ Cf. *Ritual de Hanukkah*, p. 3.

⁴⁴ O acendimento das velas era feito inicialmente no Templo, mas com a sua destruição, passou a ser nas sinagogas e depois nas casas. Cf. C. DI SANTE. *Liturgia Judaica*, op. cit., p. 242.

⁴⁵ Cf. C. DI SANTE, *Liturgia Judaica*, op. cit., p. 243.

A festa de *Hanukkah* é, assim, uma celebração da certeza que Israel não pode sucumbir. E que sua vitória não é produto de sua própria força, mas da força de Javé (Zc 4,6b).

6.2 A Realeza de Cristo Deus

As festas de final de ano da liturgia cristã possuem sentidos profundos e claros, e põem de manifesto a grandeza do Senhor, bem como seu projeto de vida em favor da humanidade. Elas revelam uma mística envolvente que translada o Espírito e ressignifica o itinerário cristão. É interessante perceber que sua proposta mística, assim como sua dinâmica celebrativa lançam raízes na tradição judaica, da qual recebemos uma grande riqueza e diversidade simbólica.

A solenidade de Cristo Rei, por exemplo, propaga a dignidade de Jesus e coroa o Ano Litúrgico. O ciclo do Natal estimula, pelo seu caráter do novo que chega, a uma participação mais efetiva ao grande cortejo de luzes, brilho e canções alegres.

A instituição da festa de Cristo Rei se deu no ano santo de 1925 com a publicação da encíclica de Pio XI, *Quas Primas*, na qual afirmara: *A paz de Cristo, pelo reinado de Cristo* e a necessidade de que a sua realeza se estenda a todas as dimensões da vida humana e sirva para a instauração da paz na sociedade e nas almas. Essa afirmação quer elevar o reinado de Cristo sobre as monarquias vigentes da época e ser uma resposta aos movimentos secularizantes das repúblicas e democracias modernas.⁴⁶ Com a reforma da liturgia, esta solenidade adquiriu um aspecto mais escatológico em que se acentua o reinado eterno e universal de Deus na história em um tempo onde é realizada a redenção da humanidade em um reino de verdade, vida, santidade, graça, justiça, amor e paz.⁴⁷

Na sua realidade escatológica, essa liturgia recebe o nome de *solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do universo*. E se realiza no último domingo do ano litúrgico acenando a majestade e a glorificação de Cristo na história. Ele é o Alfa e Ômega (Ap 22,13) e estende, assim, o seu reinado em todo o tempo e lugar. *A teologia da celebração destaca a exaltação do cordeiro pascal, glorificado na história. Jesus Cristo, como sacerdote eterno e rei universal, reinará na justiça e na fraternidade, convidando os homens a segui-lo e a participar do seu projeto na luta contra as grande injustiças instaladas nas sociedades humanas.*⁴⁸

A Festa da Luz Cristã

Terminado o Ano Litúrgico e proclamando a realeza de Deus, inicia-se o novo tempo da liturgia cristã que é o Ciclo do

⁴⁶ Cf. A. S. BOGAZ, *Tempo Comum e festa dos santos: tempo de crescer na fé e santificar para a animação litúrgico-pastoral*. São Paulo, Paulus, 1997, p. 125.

⁴⁷ Cf. *Missal Romano*: Prefácio da Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. São Paulo, Paulus, 2004, p. 384.

⁴⁸ Cf. A. S. BOGAZ, *Tempo Comum e festa dos santos*, op. cit., p. 126.

Natal. Esse tempo é marcado fortemente pelo seu ar luminoso ao som das canções que mais parecem canções de ninar. Tudo para dar o tom da chegada do Deus-criança, que se faz frágil e pobre para assumir a fragilidade e a pobreza dos homens, a fim de iluminá-los com o seu brilho que irradia paz e alegria.

O Advento é, assim, com o acendimento da coroa, o cortejo das luzes, que culmina com a *noite feliz e bela*, na qual o céu se abre e Deus desce para a história humana. Ademais, a cor roxa-violeta manifesta o seu caráter ascético, imitando a quaresma. E com o passar dos tempos adquiriu o conteúdo de preparação para o nascimento de Jesus.

Já por volta do ano 336, tem-se notícias de uma festa do Natal em Roma. Mas as origens desta festa remonta às tradições pagãs. Havia no meio desses povos uma festividade ao Nascimento do Sol Invicto — *Natalis solis invicti* — isso porque o *culto do sol estava muito em voga nesse período de paganismo decadente e, no solstício de inverno ocorriam celebrações solenes*.⁴⁹ Na tentativa de afastar os novos cristãos destas solenidades pagãs, evangelizando-os, as comunidades cristãs passaram a celebrar nesses dias o Natal de Jesus,⁵⁰ *Clarão da glória do Pai [...] Luz que ao dia ilumina*.⁵¹ Jesus é, portanto, a esplêndida luz que brilha para aqueles que habitam nas sombras (cf. Is 9,2).

Dentro desse sugestivo ciclo de luz e poesia, celebra-se, a partir do dia 25 de dezembro, com grande solenidade, a oitava do Natal e, no seu desenrolar, o Tempo Próprio do Natal, que evoca o acontecimento marcante que une o céu e a terra: a encarnação de Deus — *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1,14). Encontra-se, assim nesse tempo a festa de ano novo civil, em que se celebra o dia da Paz e também a solenidade da *Epifania* do Senhor, pela manifestação do Deus-menino aos magos do Oriente, indicando, com isso, a magnificência de Deus que de diversificadas formas e, nesse tempo, por meios tão singelos se revela aos homens.

6.4. Da Luz no Mundo à Luz do Mundo

Na perspectiva em que o antigo se renova e que o novo busca o seu fundamento na tradição, tentar-se-á fazer o encontro ou uma aproximação das festas de *Rosh ha-shanah* e de *Hanukkah* com algumas festas do calendário cristão.

Percebendo alguns elementos da comemoração de *Rosh ha-shanah*, como o próprio nome evoca o início de ano, esta festa também é a aclamação de Deus como o Criador e Rei do mundo; Deus como juiz que julga o mundo e convida os homens à conversão; ademais, Deus que se lembra e visita os homens.

⁴⁹ Cf. A. BERGAMINI, Natal e Epifania. In *Dicionário de Liturgia*. São Paulo, Paulus, 1992, p. 811.

⁵⁰ Como símbolo do Sol Invençível, Jesus expressa a vitória da luz sobre as trevas, pois no hemisfério norte, no chamado solstício de inverno, o dia é mais curto e vai crescendo sempre mais e representa que a luz (Jesus) cresce e as trevas (os males) vão sendo transformadas em claridade.

⁵¹ *Hino das Laudes* na I segunda-feira.

Pode-se, assim, com esses elementos associar esta festa de *Rosh ha-shanah* com as celebrações do início no ano civil, na qual se começa uma nova etapa, uma nova criação, na expectativa de que seja cheio de benefícios (prosperidade) e doçuras (paz).⁵² Os próprios símbolos do presépio, do Deus-Criança chamam a atenção para a face de um Deus terno e que procura o humano e o convida a conversão e a fidelidade numa nova aliança. O soar da *shofar* na *Rosh ha-shanah* pode ser traduzido, nessas festas cristãs, com o toque dos sinos que representam, no seu repicar, a solene voz forte de Deus que convida à oração.⁵³

A festa da Epifania evoca o aspecto da manifestação de Deus a todos os povos. Na figura dos magos encontra-se um elemento pertinente. Eles representam a universalidade dos povos que, diante do Menino-Deus e a partir deste, fazem um novo itinerário. Nas festas de ano novo cristão, portanto, celebra-se, conscientemente, a nova criação, a renovação da humanidade através da visita de Deus, que se recordou do seu povo, assim como se recordou de Sara (Gn 21,1-4), Abraão (22,1) e Ana (1Sm 1,19-20).

A *Rosh ha-shanah* por ser a festa de Deus aclamado como rei e de seu significado não temporal, mas como metáfora de um início ontológico, atemporal. Pode, assim, ser associada com a festa que culmina o calendário litúrgico ocidental, a saber: Jesus Cristo, Rei do Universo.⁵⁴ Esta liturgia tem o propósito de elevar a realeza de Cristo à sua dimensão escatológica assume o anúncio da instauração do Reino em que Deus rege absolutamente na história,⁵⁵ assim como a entrada de ano judaica é a proclamação do reinado de Deus, que ao som da trombeta toma posse do seu trono.

A festa de *Hanukkah*, pela própria designação de festa da luzes, lembra a liturgia do Natal, que se apresenta como ocasião na qual Deus faz *resplandecer a claridade da verdadeira luz* e os homens do mundo inteiro podem proclamar:⁵⁶ *No mistério da encarnação de vosso Filho, nova luz da vossa glória brilhou para nós.*⁵⁷

Enquanto que *Hanukkah* lembra a libertação do jugo de Antíoco IV Epífanos e, com o acendimento da *hanukyyah*, o brilho, a beleza e o esplendor do templo de Deus, consagrado novamente após a profanação. O Natal lembra o resgate da dignidade humana e a reconstrução do mundo decaído.⁵⁸ E com a encarnação do Filho de Deus na história humana o acender do clarão da salvação. Pois Jesus é a luz do mundo (Jo 8,12), o raio de luz que parte do sol e que é uma porção do sol inteiro, como afirma Tertuliano.⁵⁹

Uma poesia antiga vai nessa direção e compara Cristo com o sol e diz: *Passei por Belém de Judá e ouvi um sussurro terno.*

⁵² No Ritual de *Rosh ha-shanah*, na primeira noite, molha-se no mel um pedaço de pão e também um pedaço de maçã e recita-se uma bênção, que evoca benefícios e doçuras para o novo ano. No caso do ano cristão é comum desejar-se uns aos outros prosperidade e paz.

⁵³ Cf. A. V. NETO, *Liturgia fonte vital da comunidade*. Petrópolis, Vozes, 1988, p. 59.

⁵⁴ A festa de Cristo Rei não tem data fixa, mas é determinada pelos domingos comuns, no caso o XXXIV Domingo Comum, que é o último domingo do ano litúrgico.

⁵⁵ Cf. A. S. BOGAZ, *Tempo Comum e festa dos santos*, op. cit., p. 125.

⁵⁶ Cf. M. GUIMARÃES – CARPANEDO, P. *Dia do Senhor: Guia para as celebrações da comunidade: Ciclo do Natal ABC*. São Paulo, Paulinas, 2002, p.118.

⁵⁷ Cf. *Missal Romano*: Prefácio do Natal do Senhor, I, op. cit., p. 410.

⁵⁸ Cf. *Missal Romano*: Prefácio do Natal do Senhor, II, op. cit., p. 411.

⁵⁹ Cf. H. BETTENSON, *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo, Aste, 2007, p.72. Alberto Caeiro, talvez sob a inspiração de Tertuliano, também dizia em seu poema, palavras semelhantes sob a descida do Jesus Menino: [...] *Fugiu para o sol e desceu pelo primeiro raio que apanhou*. Cf. R. ALVES, *O amor que acende a lua*. Campinas, Papyrus, 2001, p. 199.

*Era a voz de Maria embalando o seu filhinho: Sol, meu filho, como vou cobrir-te de panos? Como vou amamentar-te, tu, que nutres toda criatura? Como vou ver-te nas minhas mãos, tu, que contém todas as coisas?*⁶⁰ Ressaltando, dessa forma, o valor do natal como festa de Luz, assim como a *Hanukkah*.

É válido ainda recordar que a *Hanukkah* é uma festa realizada do dia 25 de Kislev, aproximadamente o mês de dezembro. Mera associação ou alusão de fato? É claro que a festa do Natal cristão foi estabelecida com a intenção de suplantar a festa pagã do *Natalis (solis) invicti* no solstício de inverno. Mas o que se sobressai disso é a idéia presente de que em meio a escuridão e o frio dessa época do ano para o hemisfério norte, Cristo é a luz e o sol que ilumina e aquece todo homem.⁶¹ E também não se pode desconsiderar a forte influência da liturgia judaica sobre os cristãos.

As importantes e solenes festas judaicas do Ano Novo e das Luzes constituem um baluarte e um rico fundamento para os elementos da fé e da liturgia cristã. A partir delas, compreende-se melhor o sentido das comemorações celebradas no final no ano litúrgico, bem como as liturgias da luz feitas no Advento, o próprio Natal e as festas de Ano Novo cristão. Todos esses eventos são, assim, valorizados e ressignificados a partir do Evento fundante, Jesus de Nazaré.

E é compreendendo essa relação originária dos conceitos judaicos na espiritualidade e festividade cristã que se poderá celebrar com mais consciência, convicção e fé, dando o seu verdadeiro sentido, percebendo a presença eficaz do Deus encarnado no seio da humanidade e cumprindo os seus ensinamentos de humildade, generosidade e amor.

UMA PALAVRA PARA CONCLUIR

Muitas vezes, tantas vezes ao longo da história e mesmo em nossos tempos, as comunidades humanas se digladiam em nome da religião. Podemos concluir como esta realidade é totalmente incorreta. Antes de tudo, jamais Deus proporia a guerra entre seus filhos, em seu nome e em nome de seus dogmas e normas éticas ou morais. Mais ainda, o olhar de Deus reprovava todas as discriminações que se praticam usando *em vão seu nome*.

Os povos todos pertencem ao rebanho de Deus e Ele os quer congregados numa fraternidade universal, geradora da justiça e da solidariedade. Por entendermos melhor esta espiritualidade do *olhar divino*, afirmamos que a presença de Deus nos povos gera verdadeiras semelhanças entre os grupos humanos, étnicos

⁶⁰ Cf. *Analecta Sacra* 1, 229 *Apud* L. BOFF, *Natal: a humanidade e a jovialidade de nosso Deus*. Petrópolis, Vozes, 2000, p. 17.

⁶¹ Cf. A. BERGAMINI, *A. Natal e Epifania*. In *Dicionário de Liturgia*, op. cit., p. 811.

e nações, sendo que as praticas religiosas devem ser um elo na composição da aliança universal.

Neste estudo entendemos que muitos elementos são comuns entre as religiões e existe uma grande aproximação nos ritos, nos símbolos e nas concepções de Deus. Aprendemos ainda que os elementos essenciais denotam grande similitude, variando suas formas e expressões de linguagem e de elaboração ritual. São formas e ritos diferentes para expressar as verdades fundamentais sobre Deus e sua paternidade-maternidade universal.

Ao aproximarmos algumas festas judaicas e cristãs, com seus símbolos, seus rituais e suas formas celebrativas, compreendemos que as raízes da vida litúrgica cristã se encerra no terreno religioso e cultural do judaísmo, como uma genitora que deixa seus traços na sua geração. O cristianismo, buscando universalidade e plenitude do amor de Deus pela humanidade, levou a plenitude os ritos e as concepções da Aliança judaica. Encontramos no cristianismo muitos elementos culturais que nos levam a compreender que existe uma unidade fundamental entre estes dois universos religiosos. Jesus, o Filho de Deus de Nazaré, não negou suas raízes religiosas, mas nelas implantou a plenitude da revelação divina, permitindo aos povos a assumirem suas próprias formas rituais e culturais para crer, celebrar e viver em todos os tempos a infinitude de Deus que cria e redime todos os povos.